

DUARTE, Newton. *Vigotski e o "aprender a aprender": crítica as apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001. 296 p.

Por que não "aprender a aprender" ?

Ricardo Ottoni Vaz Japiassu *

DUARTE, Newton. *Vigotski and "learning how to learn": review on the neo-liberal and post-modern appropriations of the vigotskian theory*. 2. Ed. Campinas: Autores Associados, 2001. 296 p. Why not "learn how to learn"?

Quando os nomenclaturas se relacionam com a realidade social como se esta fosse regida por forças naturais, eles abrem mão da possibilidade de dirigir os processos sociais. É o que ocorre atualmente, como consequência do fetiche das leis de mercado pelas políticas neoliberais. O mesmo ocorre em relação ao desenvolvimento psicológico dos indivíduos. Quando a psicologia, seja ela chamada de psicologia infantil, psicologia do desenvolvimento ou psicologia da educação, concebe o desenvolvimento psicológico como se ele fosse regido por forças naturais, isso resulta no não reconhecimento da formação intencional do psiquismo humano, o que implica igualmente a desvalorização da educação. @. 254)

Polêmica, ousada e irreverente, a segunda edição revista e ampliada do livro assinado pelo professor doutor Newton Duarte, da UNESP-Araraquara, ambiciona fazer reverberar as idéias do autor para além das fronteiras nacionais, o que de fato o conduziu a tomar assento ao lado de um seleto grupo de pesquisadores neomarxistas da Cultural Historical Activity Theory-CHAT (Teoria Histórico-Cultural da Atividade), reunidos sob a liderança do professor doutor Mario Golder, da Universidade Nacional de Buenos

Aires, em um simpósio do 5º congresso da Sociedade Internacional pela Pesquisa Cultural e Teoria da Atividade-ISCRAAT, realizado em Amsterdã de 18 a 22 de junho de 2002.

Ao lado de Mohamed Elhannoumi (USA), Alejandro H. Gonzalez (Argentina) e do próprio Mario Golder, Duarte encontra-se engajado na luta por manter acesa, na memória das novas gerações, a chama da filosofia materialista histórico-dialética inaugurada por Marx e Engels, que foi, indiscutivelmente, a pedra angular para a construção do edifício teórico-metodológico vygotskiano.

O livro encontra-se organizado em seis capítulos, ao longo dos quais Duarte busca, de acordo com uma leitura marxista dos escritos do eminente pedagogo e psicólogo judeu-russo soviético, expor sua tese de livre docência, que defende a existência de inúmeras interpretações hegemônicas do pensamento de Lev Vygotsky que estariam orquestrando a incorporação da psicologia vigotskiana ao universo ideológico neoliberal e pós-moderno, despidendo-a deliberadamente das suas bases marxistas e socialistas

Os capítulos primeiro e segundo tentam demonstrar como essas interpretações hegemônicas estariam vinculadas a ideários pedagógicos

* Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Doutor em Educação e mestre em Artes pela USP; licenciado em Teatro e bacharel em Direção Teatral pela UFBA. Endereço para correspondência: Rua Enseada do Cavaco, 66, Barra Grande – 44470.000 Vera Cruz/Ba. E-mail: rjapiassu@yahoo.com.br.

contemporâneos centrados no lema **escolano**-vista do "aprender a aprender", cujo corolário seria o que o autor denomina de "construtivismo eclético" – uma concepção educacional impregnada pelo "pragmatismo neoliberal" e "irracionalismo pós-moderno".

Duarte afirma que qualquer abordagem não-marxista à teoria histórico-cultural da **atividade/CHAT** está a serviço da descaracterização dos princípios filosóficos originais desta escola da psicologia, reivindicando-a como propriedade exclusiva e "privada" do marxismo.

O terceiro capítulo, na verdade um resumo do livro do autor intitulado *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo (1999)*, expõe os conceitos **marxianos** de apropriação e **objetivação**, para que os leitores pouco familiarizados com o pensamento de **Marx** entendam porque:

... os processos de produção e difusão do conhecimento não podem, numa perspectiva historicizadora do ser humano, ser analisados sob a ótica de um abstrato sujeito cognoscente que interage com os objetos de conhecimento por meio de esquemas próprios da **interação** biológica que um organismo estabelece com o meio ambiente. (p.121)

Duarte, neste capítulo, apóia-se em transcrições de textos originais de Karl Marx, que nos auxiliam a compreender como o fetichismo e sua reprodução ideológica acabam ocorrendo "por meio das muitas formas de naturalização dos fenômenos humanos que, em vez de serem analisados como fenômenos históricos sociais, são encarados como fenômenos naturais." (p. 129).

No quarto capítulo – o mais inquietante de todos – o professor Newton Duarte critica abertamente a posição de renomados pesquisadores nacionais e internacionais da teoria **histórico-cultural da atividade/CHAT** (como René Van der Veer, Jaan Valsiner, Michael Cole, Jerome Bruner, Maria Teresa Assunção Freitas e Marta Kohl de Oliveira, entre outros), vociferando que "a comunidade científica internacional crescerá mais traduzindo e analisando as obras produzidas por essa escola psicológica do que publicando dezenas de livros de intérpretes" (p. 166).

Segundo ele, as interpretações que procuram aproximar a teoria de Vygotsky a ideários **pedagógicos afinados** com o lema "aprender a aprender" e ao universo ideológico neoliberal e pós-moderno retiram do pensamento **vygotskiano** o seu **caráter** marxista, e arrefecem o impacto da radicalidade da crítica de Vygotsky às psicologias incompatíveis com as perspectivas marxista e socialista.

Os capítulos quinto e sexto são dedicados ao **cotejamento** das teorias de Vygotsky e Piaget, enfatizando o contraste entre os fundamentos teórico-metodológicos de ambas. O ponto de vista do autor é o de que é inadequada qualquer tentativa de aproximação entre as idéias de Vygotsky e Piaget.

Ao longo de todo o livro Duarte busca a elaboração de um discurso persuasivo e **inflamado** em defesa do seu ponto de vista, mas o efeito final acaba sendo o de um texto fraturado e intelectualmente arrogante, do qual exala algum odor de intolerância em relação à tomada de perspectivas outras de onde também se poderia ver e compreender o psiquismo tipicamente humano.

O **fraturamento** do texto torna-se evidente no quarto capítulo. Nele, Duarte – diferentemente de Vygotsky – demonstra **imprudência** ao refutar e desconstruir de modo aligeirado as idéias dos autores aos quais se contrapõe. A crítica feroz que dirige aos eleitos "**Judas**" no "sábado de Aleluia", em que transformou o capítulo, ressalta apenas alguns aspectos pontuais de fragmentos **descontextualizados** do discurso desses autores. A impressão que se tem é a de que o autor apela para o fácil, para o que lhe parece oportuno e conveniente, evitando o desafio de esquadriñar, cuidadosa e exaustivamente, a produção textual que propõe ali discutir.

A bem da verdade Duarte, no seu livro intitulado *Educação escolar: teoria do cotidiano e a escola de Vygotski*¹ (2001, p. 105), afirma não ter "a intenção de desmerecer ne-

¹ Existem diferentes modos de grafia do nome Vygotsky: (1) VYGOTSKI, (2) VYGOTSKII e (3) VYGOTSKY. Os dois primeiros são "transliterações" do russo para o espanhol; o terceiro é a grafia "à moda inglesa". Há uma

nhum esforço de divulgação do pensamento vygotkiano”, esclarecendo que suas “discordâncias (...) em relação a determinados aspectos de trabalhos citados não contêm um juízo sobre cada trabalho como um todo, mas apenas um posicionamento sobre aquele ponto de discussão.” (p. 106). No entanto, isso não fica claro nem tampouco é adequadamente explicitado em qualquer momento ao longo das páginas provocativas do livro *Vigotski e o “aprender a aprender”*.

Sabe-se que a arrogância intelectual caracteriza-se pela crença em uma verdade supostamente única e absoluta, e pelo não (re)conhecimento de outros pontos de vista em relação aos saberes sobre um determinado objeto de estudo.

Ora, se por um lado a hipótese de um movimento orquestrado internacionalmente visando uma “asepsia” dos fundamentos materialistas histórico-dialéticos do pensamento vygotkiano parece plausível – particularmente ao se considerar o processo acelerado e hegemônico de difusão da ideologia neo-liberal – por outro não se pode negar que Michael Cole (organizador da tradução norte-americana de *A formação social da mente*), Jerome Bruner (prefaciador da primeira tradução ocidental de *Pensamento e linguagem*), Marta Kohl de Oliveira (supervisora da primeira e única tradução brasileira de *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*), e René Van der Veer e Jaan Valsiner (autores de uma das mais completas biografias do eminente psicólogo judeu-bielorusso), por exemplo, além de te-

esclarecedora discussão sobre essa questão em *Psicologia Pedagógica: Edição Comentada* (2003, p. 27) sob a responsabilidade de Guillermo Blank. Este livro inclusive consta nas referências bibliográficas da resenha que assino. VIGOTSKI é a grafia de algumas traduções do russo para o espanhol (p.ex: Davidov; Shuare, 1987). Duarte prefere utilizar essa grafia. No livro resenhado o autor explica a opção que faz pela grafia VIGOTSKI na nota de rodapé n. 3 à página 2. Segue transcrito o último parágrafo da nota do autor: “Adotaremos aqui essa grafia [Vigotski], mas preservaremos, nas referências bibliográficas, a grafia utilizada em cada edição, o que nos impedirá de padronizar a grafia do nome desse autor”. (Grifos meus).

rem desempenhado importante papel na difusão das idéias de Vygotsky no Ocidente, jamais negaram as bases materialistas histórico-dialéticas de seu pensamento:

Vygotsky, Luria e Leontiev faziam parte de um grupo de jovens intelectuais da Rússia pós-Revolução, que trabalhava num clima de grande idealismo e efervescência intelectual. Baseados na crença da emergência de uma nova sociedade, seu objetivo mais amplo era a busca do ‘novo’, de uma ligação entre a produção científica e o regime social recém-implantado.” (OLIVEIRA, 1995, p. 22)

A “crítica” de Duarte, dirigida a esses autores no quarto capítulo, pode ser rotulada toscamente de “fundamentalista” e comparada às bombas lançadas sobre o grande Buda no Afeganistão dos Talibãs ou até mesmo à derrubada das torres gêmeas do World Trade Center – episódios que estarreceram espectadores em todo o planeta. Ao menos, essa é a impressão que se tem diante da atitude iconoclasta e da argumentação febril do autor ali.

Afinal o professor doutor da UNESP-Araraquara não ousa revelar ao leitor que as idéias de Vygotsky, presentes em *Psicologia Pedagógica* (2003, 2001), por exemplo, estão muito próximas do ideário educacional escolanovista e, conseqüentemente, encontram-se reunidas ali também, de alguma maneira, sob a divisa do “aprender a aprender” – como é possível conferir no trecho transcrito a seguir:

... no processo de educação o mestre, munido de uma **nova concepção do assunto**, não é menos e sim infinitamente mais importante que antes. E embora, pelo visto, seu papel saia perdendo no aspecto ativo externo uma vez que ele **ensina e educa menos**, esse papel sai ganhando no aspecto ativo interno. O poder desse mestre sobre o processo educativo é tantas vezes maior que o poder do antigo mestre quantas vezes o poder do motorneiro é maior que a força do jinriquixá. (...) Na educação, ao contrário, não existe nada de passivo, de inativo. (...) **no processo de educação também cabe ao mestre um papel ativo: o de cortar, talhar e esculpir os elementos do meio, combiná-los pelos mais variados modos para que eles realizem a tarefa de que ele, o mestre, necessita**. Deste modo, o processo educativo já se torna trilateralmente ativo: **é ativo o aluno, é ativo**

o mestre, é ativo o meio criado entre eles. (...) A natureza psicológica do processo educativo é absolutamente idêntica, queiramos nós educar um fascista ou um proletário" (VYGOTSKY, 2001, p. 70-73, grifos meus)

Lamentavelmente não se tem condições, no âmbito de uma resenha, de discutir exaustivamente o possível alinhamento de Lev Vygotsky ao ideário escolanovista com base em *Psicologia Pedagógica*. Mas o texto transcrito acima, se não estremece as fundações sob as quais estão assentadas a tese do professor Newton Duarte, deve abalar significativamente a validade de qualquer tentativa apressada de alijar a teoria vygotskiana do conjunto das aborda-

gens "escolanovistas" ou construtivistas relativos ao processo de ensino-aprendizado.

Apesar de possuir, na minha opinião, algumas "telhas de vidro", *Vygotski e o "aprender a aprender"* é um importante documento do debate contemporâneo a respeito das bases filosóficas do pensamento de Vygotsky, e deve ser leitura obrigatória para todos os profissionais da educação interessados em refletir e pensar suas práticas pedagógicas através do filtro da psicologia educacional. Trata-se também de material relevante para o entendimento do *fetichismo* ou "naturalização" do valor de troca em sociedades típicas do capitalismo transnacional na pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Newton. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vygotski*. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Campinas: Autores Associados, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo, SP: Scipione, 1995.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

_____. _____. Edição Comentada. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

Recebido em 12.07.03

Aprovado em 16.11.03